

**6º ENCONTRO DE ECONOMIA GAÚCHA**  
**Sessão Temática: a. Desenvolvimento Econômico**

**A REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES SOCIAIS NO VALE DO RIO DOS SINOS:  
UM ESTUDO DOS EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS  
INCUBADOS PELO TECNOSOCIAIS EM SÃO LEOPOLDO (RS)\***

Aline de Souza<sup>1</sup>  
Angélica Massuquetti<sup>2</sup>

Resumo: O objetivo do estudo foi analisar se os empreendimentos econômicos solidários de São Leopoldo (RS), incubados pelo Tecnosociais, da UNISINOS, constituíram-se como uma alternativa ao combate às desigualdades sociais enfrentadas pelos trabalhadores envolvidos nestes empreendimentos e, em caso afirmativo, identificar quais melhorias na qualidade de vida foram percebidas pelos mesmos. A metodologia empregada incluiu a pesquisa bibliográfica, a coleta de dados secundários e a pesquisa de campo. Os resultados revelaram que estes empreendimentos apresentam-se como uma ferramenta de inclusão social, distribuição de renda e redução das desigualdades sociais, propiciando melhorias nos aspectos sociais, culturais, econômicos e ambientais.

Palavras-chave: Economia Solidária; Empreendimentos Econômicos Solidários; Tecnosociais.

## **1 INTRODUÇÃO**

Dez anos após os representantes dos estados-membros da Organização das Nações Unidas (ONU) se comprometerem com as Metas de Desenvolvimento do Milênio, as disparidades sociais ainda estão presentes na sociedade mundial. Neste período, de acordo com os dados divulgados pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), em 2010, o Brasil teve resultados animadores, cumprindo em cinco anos a meta de redução da pobreza estabelecida para 2015 na Declaração do Milênio. No entanto, restam inúmeros desafios para a erradicação da pobreza (IPEA, 2010).

A superação da pobreza é um tema cada vez mais recorrente em diversos setores da sociedade. Por isso a importância de estudos acadêmicos que busquem entender a origem das desigualdades sociais, apresentar alternativas para melhoria da qualidade de vida e/ou analisar resultados de ações implantadas local ou mundialmente. Neste contexto, destaca-se um movimento crescente de estudos que apontam a economia solidária como uma alternativa às políticas de transferência de renda e à impossibilidade de alocação dos indivíduos excluídos

---

\* As autoras agradecem a equipe da coordenação do Programa Tecnosociais, em especial à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vera Schmitz e à Elisiane de Quadros.

<sup>1</sup> Economista pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Av. Unisinos, 950, São Leopoldo, 93.022-000, RS. Endereço eletrônico: alines1407@ibest.com.br

<sup>2</sup> Doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e Professora do Programa de Pós-Graduação em Economia (PPGE) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Av. Unisinos, 950, São Leopoldo, 93.022-000, RS. Endereço eletrônico: angelicam@unisinos.br

do mercado de trabalho. Ressalta-se, ainda, que ano após ano, as incubadoras de base tecnológica têm se consolidado como um importante mecanismo de fomento ao empreendedorismo e inovação, características inerentes aos empreendimentos solidários.

Visando contribuir para o desenvolvimento deste tema, o presente artigo tem como objetivo analisar se os empreendimentos econômicos solidários (EES) de São Leopoldo (RS), incubados pelo Programa Tecnologias Sociais para Empreendimentos Solidários (Tecnosociais), da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), constituíram-se como uma alternativa ao combate às desigualdades sociais enfrentadas pelos trabalhadores envolvidos nestes empreendimentos e, em caso afirmativo, identificar quais melhorias na qualidade de vida foram percebidas pelos mesmos. Este estudo está direcionado para responder o seguinte problema de pesquisa: os empreendimentos solidários podem ser considerados um instrumento no combate às desigualdades sociais, proporcionando uma melhoria na qualidade de vida dos trabalhadores em relação à situação anterior? A hipótese que orienta esta pesquisa é que esta “outra economia” é capaz de prosperar, atendendo às reais necessidades da sociedade, evitando o esbanjamento de recursos naturais, acomodando as diferenças culturais e permitindo que lucro e redução das desigualdades possam entrar em sinergia.

A economia solidária começou a ganhar destaque no Brasil na década de 1990 como resultado do “esforço dos trabalhadores na reconquista de seus empregos, reestruturando as empresas em que trabalhavam ou criando novas empresas com novos modelos gestionários” (WEIPPERT, 2008, p.18). Os desempregados e/ou ex-funcionários de massas falidas, através de iniciativas próprias, empregaram formas associativas de produção e buscaram alternativas de reinserção no mercado de trabalho. Com isso, estimularam as discussões na sociedade acerca da relevância dos empreendimentos solidários na luta contra a pobreza e a exclusão social.

O modo de produção capitalista, desde sua origem, tem se mostrado incapaz de integrar em sua economia todos os indivíduos que necessitam e desejam trabalhar. Esta deficiência do capitalismo resulta no aumento do desemprego estrutural, seguido da piora na qualidade de vida desta parcela da população, que não consegue se inserir no mercado de trabalho formal e, conseqüentemente, é excluída socialmente. A economia solidária é considerada uma alternativa ao modo de produção dominante por ser um instrumento de inclusão social e de redução das desigualdades entre os indivíduos. Iniciativas como os empreendimentos sociais injetam esperança naqueles que desejam uma sociedade onde a

igualdade entre seus membros predomine e incita a reflexão sobre a urgência da construção de uma sociedade mais justa.

Daí a importância desta pesquisa, que visa analisar as percepções dos envolvidos nos EES de São Leopoldo, que foram incubados pelo Tecnosociais, acerca desta forma de organização do trabalho no combate às desigualdades sociais. A proposta do Projeto Tecnosociais é atuar como incubadora junto aos EES, buscando novas tecnologias, estimulando o desenvolvimento de pesquisas e a produção de conhecimento. Esta proposta está em sintonia com os valores institucionais da UNISINOS (2011), cuja visão é “ser referência na promoção da educação por toda a vida, estar comprometida com o desenvolvimento regional e ser impulsionada por pessoas solidárias, criativas e inovadoras” (UNISINOS, 2011).

O estudo está dividido em cinco seções, considerando a introdução e a conclusão. Na segunda seção, através da revisão bibliográfica, discutem-se aspectos da economia solidária, com ênfase nas características predominantes dos EES no Brasil e no Rio Grande do Sul. A terceira seção apresenta a metodologia empregada. A quarta seção, finalmente, analisa os resultados da pesquisa.

## **2 ECONOMIA SOLIDÁRIA**

### **2.1 ECONOMIA SOLIDÁRIA NO BRASIL**

O conceito de economia solidária surgiu na França no final do século XX, resultante dos problemas sociais que vinham à tona, causando desemprego e exclusão social. Nessa época surgiram também “outros conceitos, mais conhecidos que economia solidária, que se desenvolveram dentro de uma lógica de questionamento da economia liberal e neoliberal, mas também de interação com ambas, como, por exemplo, o Terceiro Setor, a Economia Social e a Economia Popular” (NUNES, 2002).

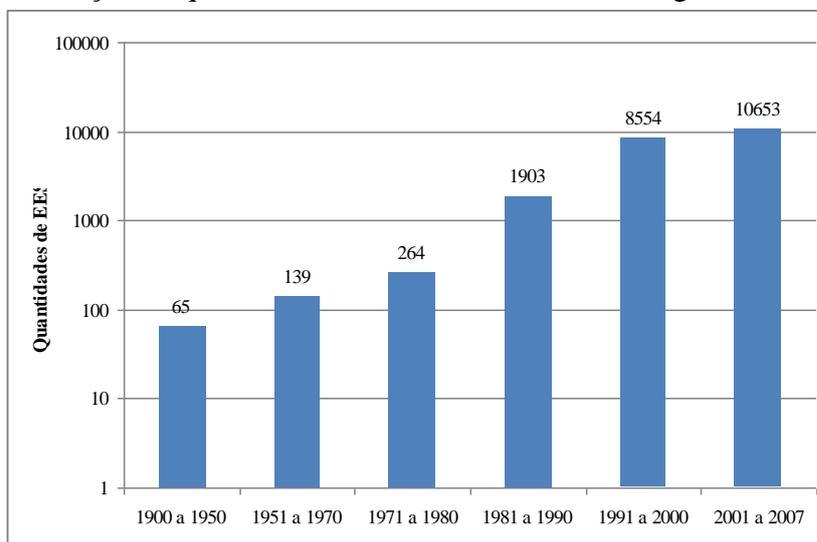
Conforme Singer (2002), os imigrantes europeus trouxeram o cooperativismo para o Brasil no início do século XX, que se estabeleceu, principalmente, na forma de cooperativas de consumo nas cidades e de cooperativas agrícolas no campo, cuja finalidade era reduzir a carestia dos trabalhadores. Mais recentemente, as grandes redes de hipermercados dominaram o mercado e a maioria das cooperativas de consumo sucumbiu. Algumas cooperativas agrícolas se expandiram e foram transformadas em grandes agroindústrias. Porém, nenhuma destas cooperativas era autogestionária, portanto, não podem ser consideradas parte da economia solidária.

A desindustrialização ocasionada pela crise social das décadas de 1980 e 1990 acarretou desemprego em massa e acentuou a exclusão social, fazendo ressurgir a economia solidária no Brasil. A partir de então, geralmente como cooperativas ou associações produtivas, sob distintas modalidades, mas sempre autogestionárias, estes empreendimentos passaram a fazer parte da realidade da economia brasileira (SINGER, 2002).

A Cáritas, entidade ligada à Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), financiou pequenos projetos denominados Projetos Alternativos Comunitários (PACs) nos anos 1980. Segundo Singer (2002, p.122), “boa parte dos PACs destinava-se a gerar trabalho e renda de forma associada para moradores das periferias pobres de nossas metrópoles e da zona rural das diferentes regiões do país. Uma boa parte dos PACs acabou se transformando em unidades de economia solidária”.

Em 1991, a falência da empresa calçadista Makerli, de Franca (SP), resultou na criação da Associação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Autogestão e Participação Acionária (Anteag). Este fato é considerado o marco de outra modalidade de EES: a tomada de empresas falidas ou em falência pelos seus trabalhadores, que as transformam em cooperativas autogestionárias. O Gráfico 1 ilustra a evolução histórica da quantidade de EES no Brasil.

Gráfico 1: Evolução da quantidade de EES no Brasil – base logarítmica – 1901-2007



Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de MTE (2011).

Segundo MTE (2011), a economia solidária, que se caracteriza pela cooperação, pela autogestão, pela dimensão econômica e pela solidariedade,

[...] vem se apresentando, nos últimos anos, como inovadora alternativa de geração de trabalho e renda e uma resposta a favor da inclusão social. Compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas autogestionárias, redes de

cooperação, entre outras, que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças solidárias, trocas, comércio justo e consumo solidário.

A participação social dos EES é um elemento facilitador das relações entre integrantes de empreendimentos distintos e auxilia na disseminação do conhecimento e das práticas autogestionárias. A Tabela 1 apresenta dados da participação social em fóruns, redes, movimentos sociais e ações comunitárias, por região do Brasil.

Tabela 1: Participação social dos EES por região do Brasil – 2007

| Região       | Redes e Fóruns | Movimentos Sociais | Ação Comunitária |
|--------------|----------------|--------------------|------------------|
| Norte        | 1.004          | 1.594              | 1.521            |
| Nordeste     | 4.323          | 6.110              | 5.478            |
| Sudeste      | 1.959          | 1.802              | 2.160            |
| Sul          | 1.860          | 1.949              | 2.016            |
| Centro-Oeste | 846            | 1.158              | 1.248            |
| Total        | 9.992          | 12.613             | 12.423           |

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de MTE (2011).

De acordo com o Sistema de Informações em Economia Solidária (SIES), cujos dados consolidados datam de 2005/2007, no Brasil existem, atualmente, 21.859 EES, concentrados, principalmente, na região Nordeste (Tabela 2).

Tabela 2: Quantidade de EES por regiões do Brasil – 2007

| Região   | Quantidade | Região       | Quantidade |
|----------|------------|--------------|------------|
| Norte    | 2.656      | Sul          | 3.583      |
| Nordeste | 9.498      | Centro-Oeste | 2.210      |
| Sudeste  | 3.912      | Total        | 21.859     |

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de MTE (2011).

As associações e grupos informais são as principais formas de organização dos EES no Brasil, de acordo com MTE (2011): Associação: 52%; Grupo Informal: 36%; Cooperativa: 10%; e Outras Formas de Organização: 2%.

Dados de 2007 apontam que 49,9% dos EES no Brasil possuem registro no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) e cerca de 46% integram redes de cooperação entre EES. Em 2007, o Brasil contava com 1.687.496 colaboradores envolvidos nos empreendimentos econômicos solidários e, deste total, a maioria (62,6 %) era do sexo masculino. Estes dados podem ser observados na Tabela 3.

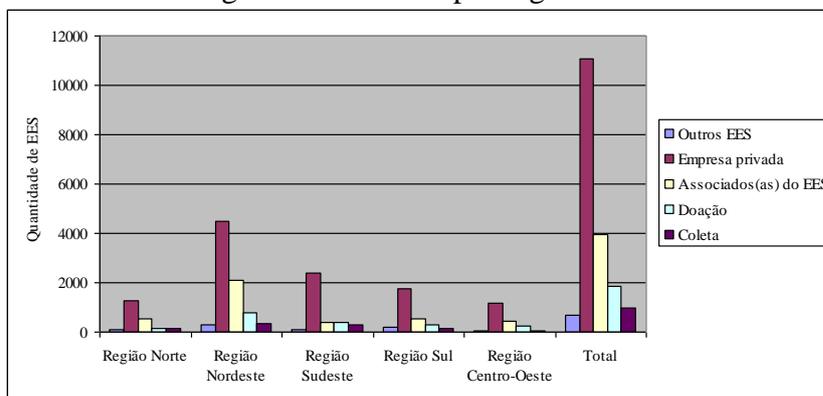
Tabela 3: Características gerais dos EES por região do Brasil – 2007

| Região       | Total de EES | Possuem CNPJ | Participantes Homens | Participantes Mulheres | EES em Rede |
|--------------|--------------|--------------|----------------------|------------------------|-------------|
| Norte        | 2656         | 1420         | 118414               | 77307                  | 1004        |
| Nordeste     | 9498         | 5467         | 381493               | 264011                 | 4323        |
| Sudeste      | 3912         | 1424         | 109539               | 67598                  | 1959        |
| Sul          | 3583         | 1466         | 375325               | 166975                 | 1860        |
| Centro-Oeste | 2210         | 1125         | 72343                | 54491                  | 846         |
| Total        | 21859        | 10902        | 1057114              | 630382                 | 9992        |

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de MTE (2011).

Quanto à origem dos insumos, o Gráfico 2 demonstra que nos EES brasileiros predomina a utilização de insumos procedentes de empresas privadas (59%), 21% são fornecidos por associados dos EES, 3% por outros EES e o restante (cerca de 17%) são de outras origens.

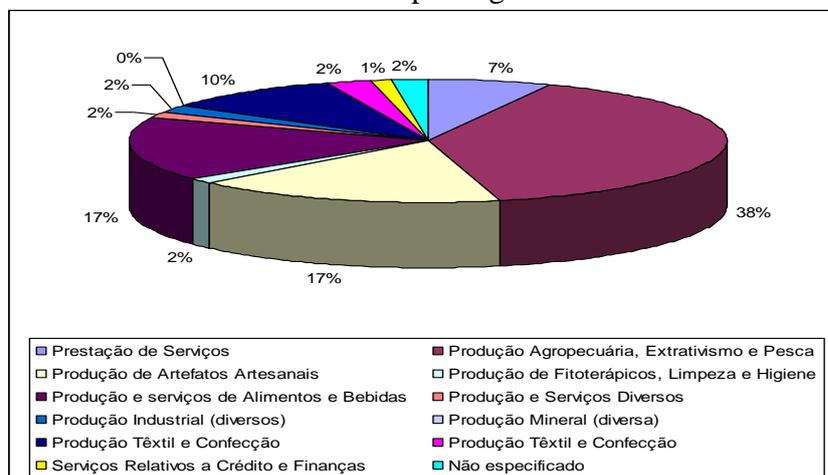
Gráfico 2: Origem dos insumos por região do Brasil – 2007



Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de MTE (2011).

Os empreendimentos econômicos solidários operam em segmentos econômicos diversificados. No Brasil, os EES atuam principalmente nos segmentos de produção agropecuária, extrativismo e pesca, produção de artefatos artesanais, produção e serviços de alimentos e bebidas e produção têxtil e confecção, conforme ilustrado no Gráfico 3.

Gráfico 3: Percentual de EES por segmento econômico – 2007



Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de MTE (2011).

A economia solidária, em todas as suas dimensões, representa uma resposta dos trabalhadores e da população socialmente excluída às mudanças do mercado de trabalho. No Brasil são milhares de empreendimentos organizados coletivamente, autogestionários, atuando em segmentos diversificados da economia, e envolvem mais de 1.600.000 associados (MTE, 2002).

### 2.3 EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS NO RIO GRANDE DO SUL

De acordo com o MTE (2011), os EES são organizações legalmente registradas ou não, coletivas e suprafamiliares (associações, clubes de troca, empresas autogestionárias, cooperativas, grupos de produção etc.) e permanentes. Os participantes podem ser dos meios urbanos ou rurais, desde que autogestionem suas atividades e a alocação de seus resultados, realizando atividades econômicas de produção de bens, prestação de serviços, fundos de crédito, de comercialização e de consumo solidário.

O que caracteriza um EES como uma organização permanente é o fato de suas atividades econômicas serem permanentes ou principais e não apenas práticas eventuais. Após a definição de sua atividade econômica e com o grupo de participantes já constituído, essas organizações devem incluir outros empreendimentos que se encontrem em fase de implantação. Os EES são organizações singulares ou complexas, ou seja, de diferentes graus ou níveis, desde que cumpridas as características citadas anteriormente. Classificam-se como organizações econômicas complexas as centrais de associação ou de cooperativas, os complexos cooperativos, as redes de empreendimentos e similares (MTE, 2011).

A Tabela 4 apresenta o número de empreendimentos por microrregiões do estado, sendo a microrregião de Porto Alegre a mais expressiva. Segundo MTE (2011), no Rio Grande do Sul há 2.085 EES, o que representa 9,54% do total brasileiro.

Tabela 4: Quantidade de EES por microrregiões Rio Grande do Sul – 2007

| Microrregiões do Rio Grande do Sul | Quantidade | Microrregiões do Rio Grande do Sul | Quantidade |
|------------------------------------|------------|------------------------------------|------------|
| 43001 Santa Rosa                   | 58         | 43018 Santa Maria                  | 231        |
| 43002 Três Passos                  | 77         | 43019 Restinga Seca                | 46         |
| 43003 Fred. Westphalen             | 48         | 43020 S. Cruz do Sul               | 28         |
| 43004 Erechim                      | 38         | 43021 Lajeado-Estrela              | 65         |
| 43005 Sananduva                    | 54         | 43022 Cachoeira Sul                | 33         |
| 43006 Cerro Largo                  | 43         | 43023 Montenegro                   | 19         |
| 43007 Santo Ângelo                 | 50         | 43024 Gramado-Canela               | 30         |
| 43008 Ijuí                         | 70         | <b>43026 Porto Alegre</b>          | <b>328</b> |
| 43009 Carazinho                    | 41         | 43027 Osório                       | 80         |
| 43010 Passo Fundo                  | 98         | 43028 Camaquã                      | 25         |
| 43011 Cruz Alta                    | 87         | 43029 Campanha Ocid.               | 11         |
| 43012 Não-Me-Toque                 | 6          | 43031 Campanha Merid.              | 24         |
| 43013 Soledade                     | 30         | 43032 Serras Sudeste               | 40         |
| 43014 Guaporé                      | 19         | 43033 Pelotas                      | 117        |
| 43015 Vacaria                      | 32         | 43034 Jaguarão                     | 9          |
| 43016 Caxias do Sul                | 162        | 43035 Litoral Lagunar              | 71         |
| 43017 Santiago                     | 15         | Total                              | 2.085      |

Fonte: MTE (2011).

Estes empreendimentos solidários se organizam, principalmente, como grupos informais no Rio Grande do Sul e na microrregião de Porto Alegre: 1) Rio Grande do Sul – Grupo Informal: 50%; Associação: 29%; Cooperativa: 18%; e Outras Formas de Organização:

3%. 2) Microrregião de Porto Alegre – Grupo Informal: 64%; Associação: 17%; Cooperativa: 17%; e Outras Formas de Organização: 2% (MTE, 2011).

O Vale do Rio dos Sinos, onde estão inseridos os EES pesquisados neste trabalho, representa 0,4% do total de empreendimentos econômicos solidários do país e 4,9% do total do estado. O município desta região que tem o maior número de EES é São Leopoldo, de acordo com Tabela 5.

Tabela 5: Número de EES na região do Vale dos Sinos – 2005/2007

| Unidade Geográfica    | Número | Unidade Geográfica  | Número    |
|-----------------------|--------|---------------------|-----------|
| Brasil                | 21.859 | Ivoti               | 2         |
| Rio Grande do Sul     | 2.085  | Nova Hartz          | 1         |
| Vale do Rio dos Sinos | 103    | Nova Santa Rita     | 1         |
| Araricá               | -      | Novo Hamburgo       | 23        |
| Campo Bom             | 1      | Portão              | 1         |
| Canoas                | 24     | <b>São Leopoldo</b> | <b>26</b> |
| Dois Irmãos           | 4      | Sapiranga           | 1         |
| Estância Velha        | 2      | Sapucaia do Sul     | 3         |
| Esteio                | 14     |                     |           |

Fonte: ObservaSinos (2011).

No Rio Grande do Sul, os principais motivos para a criação de EES, segundo MTE (2011), são obter um maior ganho com empreendimento associativo (48%), complementar a renda (45%) e alternativa de emprego (35%). Os principais segmentos de atuação dos EES no estado são produção agropecuária, extrativismo e pesca e produção e serviços de alimentos e bebidas com 511 e 500 empreendimentos, respectivamente. Em São Leopoldo, predomina a produção de artefatos artesanais (MTE, 2011).

As informações apresentadas nesta seção revelam as principais características dos EES no Brasil e no Rio Grande do Sul. O estudo destas características, principalmente no que concerne à microrregião de Porto Alegre e mais especificamente ao Vale dos Sinos, é importante para a compreensão do universo em que os EES incubados pelo Tecnosociais estão inseridos, possibilitando, ainda, comparar estas características tanto na esfera local quanto nacional.

### 3 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

Este estudo caracteriza-se por ser histórico-descritivo-qualitativo, no qual o caráter histórico-descritivo se fundamenta em material bibliográfico e documental (ECO, 2007), no intuito de conceituar a economia solidária e seu papel na sociedade atual, apresentar a proposta da incubadora tecnológica Tecnosociais, além de verificar as estruturas e as características dos EES selecionados. Já a avaliação de caráter qualitativo utiliza a técnica de pesquisa de campo com aplicação de questionário aberto para a coleta de dados.

Os sujeitos do estudo são os trabalhadores inseridos nos EES de São Leopoldo, incubados pelo Tecnosociais. Diante da preocupação e do comprometimento da UNISINOS com o desenvolvimento da região do Vale do Sinos, tanto no âmbito tecnológico como no social, a escolha de EES que já foram assessorados pela incubadora Tecnosociais se apresenta como uma forma de averiguar se a instituição consegue, através da incubadora, colocar em prática seus princípios éticos e valores institucionais. Sendo assim, somente os EES localizados em São Leopoldo são objetos desta pesquisa e foram escolhidos devido, principalmente, à facilidade de acesso, o que otimizou a realização da pesquisa e a aplicação dos questionários.

O objetivo dessas entrevistas é buscar informações que promovam a identificação e a obtenção de evidências acerca do problema de pesquisa, abrangendo a importância da atuação do Tecnosociais como incubadora tecnológica e o desempenho desses EES como agentes promotores de melhoria da qualidade de vida e inclusão social. O questionário aplicado aos integrantes, além de construir um perfil dos entrevistados dos EES, contempla questões que visam averiguar a percepção dos mesmos acerca das possíveis alterações na qualidade de vida e na inclusão social ocorridas após sua inserção nos EES.

Sendo assim, foram selecionados três dos cinco empreendimentos do setor de coleta e reciclagem de resíduos sólidos incubados pelo Tecnosociais, indicados pela Coordenação da incubadora, como se observa no quadro 1.

Quadro 1: EES pesquisados e área de atuação

| EES   | Área de Atuação   |
|---|---|
| ATUROI – Associação dos trabalhadores de recicláveis orgânicos e inorgânicos      | Coleta e reciclagem de materiais orgânicos e inorgânicos. |
| UNICICLAR – Cooperativa dos catadores e recicladores do município de São Leopoldo | Coleta e reciclagem de resíduos sólidos.                  |
| UNIVALE – Associação de geração de trabalho e renda                               | Coleta e reciclagem de resíduos sólidos.                  |

Fonte: Pesquisa de Campo.

Primeiramente, as associações foram contatadas para organizar a agenda de entrevistas, de acordo com a disponibilidade de horário dos associados. As visitas ocorreram em horário administrativo, durante os quais foi aplicado o questionário aberto nas seguintes datas: ATUROI: 20 de outubro de 2011; UNICICLAR: 27 de outubro de 2011; UNIVALE: 27 de outubro de 2011. O número de entrevistados, em cada EES, foi o seguinte: ATUROI: sete entrevistados, do total de 14 associados; UNICICLAR: seis entrevistados, do total de 16 cooperados; UNIVALE: seis entrevistados, do total de 15 associados.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 PROGRAMA TECNOSOCIAIS

O Tecnosociais foi criado como programa do Instituto Humanitas da UNISINOS (IHU), em dezembro de 2004, e atua como incubadora junto aos EES, tendo incubado 20 empreendimentos nestes sete anos de atuação. Durante o período de incubação, os grupos e os empreendimentos são acompanhados metodicamente e capacitados para a autogestão e a sustentabilidade.

O Programa objetiva estimular a busca por novas metodologias e conhecimentos, incentivando a troca de experiências entre os EES e encorajando o fortalecimento de novas redes de cooperação. Atualmente, sete EES encontram-se incubados pelo Tecnosociais, somando um total de 94 trabalhadores.

### 4.2 ASPECTOS GERAIS DOS EES INCUBADOS PELO PROGRAMA TECNOSOCIAIS

Dados extraídos a partir de análise documental possibilitaram traçar o perfil dos trabalhadores dos EES incubados pelo Tecnosociais. A pesquisa elaborada por Severo e Teixeira (2010) aponta que 79,7% dos envolvidos são mulheres e que apenas 6,8% do total destes trabalhadores cursaram ou ingressaram no ensino médio. Quanto à idade, os entrevistados variam entre 17 e 68 anos, como pode ser visualizado na Tabela 6. Os dados indicam que 63,7% dos entrevistados têm menos de 49 anos.

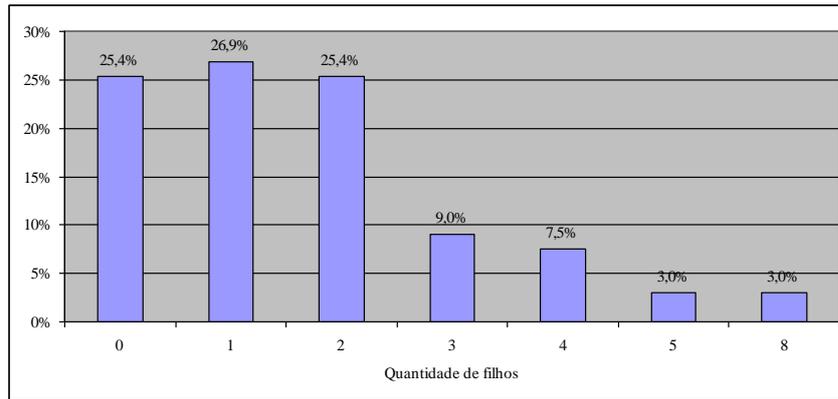
Tabela 6: Idade dos trabalhadores dos EES incubados pelo Tecnosociais

| Idade        | Número de Pessoas | Idade        | Número de Pessoas |
|--------------|-------------------|--------------|-------------------|
| 15 a 19 anos | 03                | 45 a 49 anos | 11                |
| 20 a 24 anos | 04                | 50 a 54 anos | 05                |
| 25 a 29 anos | 12                | 55 a 59 anos | 03                |
| 30 a 34 anos | 09                | 60 a 64 anos | 05                |
| 35 a 39 anos | 07                | 65 a 69 anos | 01                |
| 40 a 44 anos | 09                | Total        | 69                |

Fonte: Severo e Teixeira (2010).

Quanto ao tamanho do núcleo familiar, foi constatado que apenas 22,5% têm três filhos ou mais, 25,4% não têm filhos e 52,3 % têm entre um e dois filhos, conforme dados observados no Gráfico 4.

Gráfico 4: Quantidade de filhos (%)

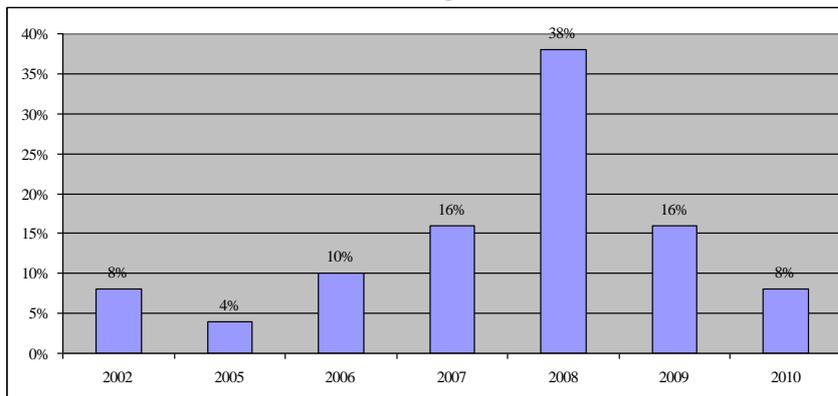


Fonte: Severo e Teixeira (2010).

O Gráfico 5 apresenta os dados referentes ao ano de ingresso dos trabalhadores no EES. Acerca do pico observado no ano de 2008, as pesquisadoras salientam que

o maior contingente (78%) ingressou no empreendimento a partir de 2007, estimulados, talvez, pelo incremento da economia solidária nos últimos anos e da necessidade de valorização do papel sócio-econômico dos catadores/as frente aos desafios de sobrevivência no mundo globalizado (SEVERO; TEIXEIRA, 2010).

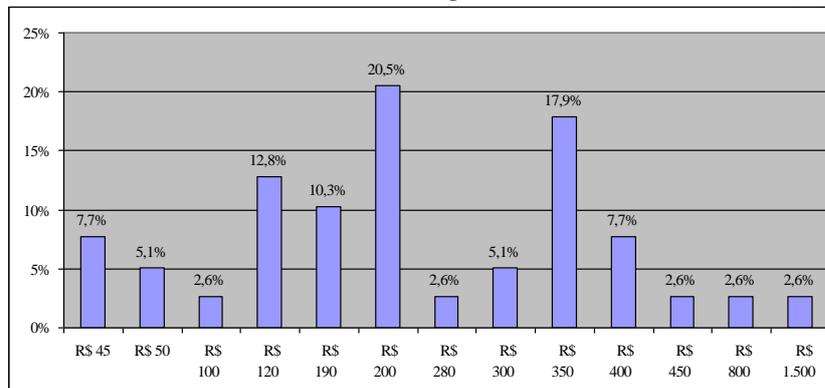
Gráfico 5: Ano de ingresso no EES (%)



Fonte: Severo e Teixeira (2010).

O Gráfico 6 apresenta a distribuição percentual da renda média auferida pelos entrevistados.

Gráfico 6: Renda mensal dos integrantes dos EES em 2010 (%)



Fonte: Severo e Teixeira (2010).

Ao considerar que o salário mínimo no ano de 2010 era R\$ 510,00, é possível concluir que cerca de 59% dos envolvidos nos EES pesquisados recebem menos que meio salário mínimo por mês, 35,9% recebem entre meio e um salário mínimo e somente 5,2% recebem mais que um salário mínimo.

#### 4.3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

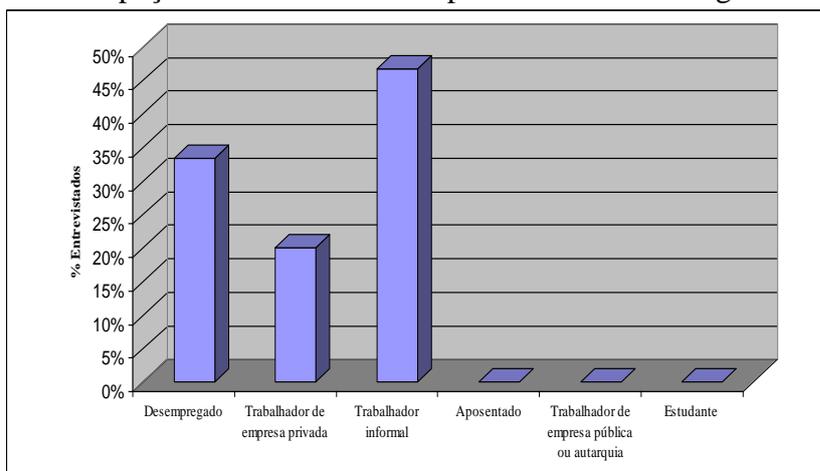
A pesquisa de campo abordou alguns aspectos referentes às características gerais dos trabalhadores dos EES selecionados. Esta abordagem é oportuna, visto que, a partir destas informações, é possível traçar um perfil dos indivíduos envolvidos nos empreendimentos visitados. Todavia, para atender ao problema de pesquisa, o questionário buscou, ainda, abordar questões relativas à melhoria na qualidade de vida e inclusão social dos incubados.

Em relação à distribuição dos entrevistados de acordo com o gênero, 66,7% são do sexo feminino e 33,3% são do sexo masculino. Quanto à idade, os indivíduos entrevistados se distribuem nas seguintes proporções: 46,7% têm entre 30 e 39 anos; 33,3% entre 40 e 49 anos; 13,3% entre 50 e 59 anos; e 6,67% estão acima dos 60 anos.

Os dados referentes à escolaridade revelam que 13,3% dos incubados não são alfabetizados, 20% têm três anos ou menos de estudo, 53,3% têm de quatro a oito anos de escolaridade e somente 13,4% ingressaram no ensino médio. A maioria dos entrevistados tem baixo nível de escolaridade, podendo este fator ser considerado o principal excludente do mercado de trabalho formal.

Outra informação relevante coletada nesta pesquisa é a ocupação dos incubados antes de integrarem aos EES. Os dados estão ilustrados no Gráfico 7. Somados, o número de entrevistados que se encontravam desempregados ou na informalidade antes de integrar os EES atinge 80%. Este índice evidencia a dificuldade encontrada pelos entrevistados em se inserir no mercado de trabalho formal. Cabe ressaltar que, entre os entrevistados que declararam estar trabalhando informalmente, quando questionados sobre a área de atuação, cerca de 75% responderam que prestavam serviços a terceiros, como faxinas ou servente de construção civil, esporadicamente, 18% se dedicavam individualmente ou com auxílio de familiares à coleta de materiais recicláveis e 7% trabalhavam no setor de serviços informalmente, porém em tempo integral e continuamente. Atualmente, 93,3% dos integrantes trabalham em período integral nos EES e apenas 6,7% em período parcial.

Gráfico 7: Ocupação dos associados/cooperados antes de integrar o EES (%)



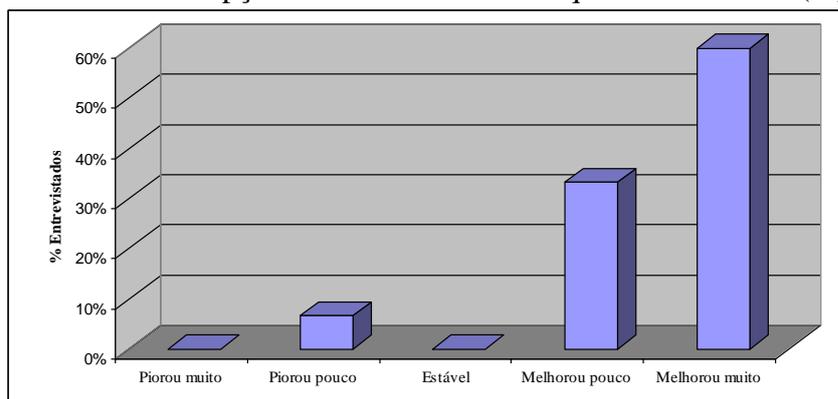
Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados da pesquisa de campo.

Outro dado revelado pela pesquisa é que 60% dos incubados não possuem outra fonte de renda além da proveniente de seu trabalho nos EES, 20% são beneficiados por algum programa governamental de transferência de renda e 20% exercem atividades informais de comercialização ou prestação de serviços para complementar a renda. Em relação ao tamanho do núcleo familiar dos incubados, conforme os dados coletados na pesquisa de campo, 53,3% das famílias são compostas por no máximo três pessoas, 33,3% têm entre quatro e seis pessoas e 13,4% são compostas por sete a dez pessoas.

O questionário aplicado abordou algumas questões cujo propósito era diagnosticar as percepções dos entrevistados sobre possíveis melhorias na qualidade de vida, ocorridas após integrarem os EES. Os associados foram indagados acerca de seus sentimentos de inclusão e acessibilidade social, antes e após a incorporação aos EES, buscando atingir o objetivo de averiguar se os EES são capazes de provocar melhorias nos aspectos sociais. A pesquisa apontou que antes de participarem dos EES, 40% dos entrevistados consideravam-se parte de um grupo socialmente excluído, vivendo às margens da sociedade atual e 60% disseram que, apesar das adversidades, sempre se sentiram parte da sociedade em que vivem. Quando perguntados sobre a percepção atual, 100% dos entrevistados afirmaram sentirem-se incluídos socialmente.

Com relação à qualidade de vida, os dados obtidos seguem ilustrados no Gráfico 8, que retrata que uma pequena parcela dos integrantes (6,7%) afirmou que sua qualidade de vida piorou um pouco, quando comparada à situação anterior, enquanto o restante aponta melhorias após a integração aos EES.

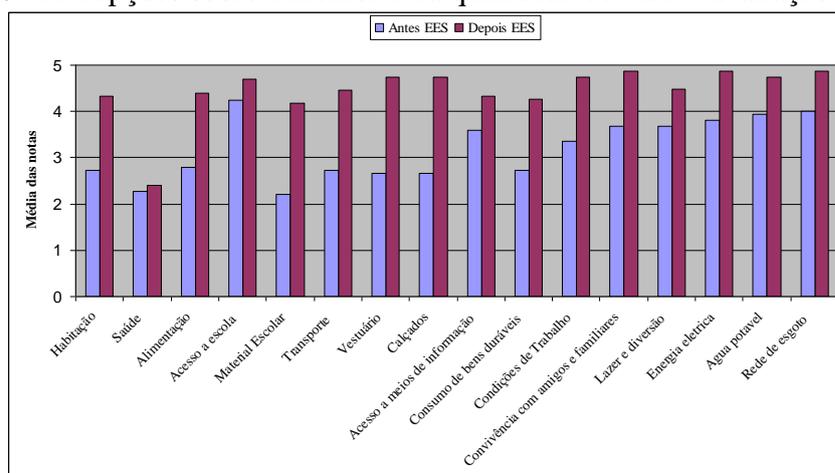
Gráfico 8: Percepções sobre a melhoria na qualidade de vida (%)



Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados da pesquisa de campo.

Os aspectos que apresentaram melhorias mais significativas, segundo avaliação do grupo, podem ser avaliados no Gráfico 9, que apresenta a média das notas atribuídas pelos entrevistados sobre as condições de vida e de acessibilidade social, antes e após integrarem os EES. Todos os quesitos avaliados na pesquisa apresentaram acréscimos relevantes na nota após a participação nos EES, exceto o acesso a atendimentos e tratamentos médicos. Conforme relatos dos entrevistados, além do aumento da renda familiar proporcionado após a participação nos EES, há outros fatores ligados indiretamente aos EES, como parcerias com entidades de apoio às iniciativas populares, acesso a órgãos e representantes do poder público e acesso a grande quantidade de objetos em boas condições de uso provenientes das coletas e distribuídos para reutilização entre os trabalhadores, que propiciam melhora significativa na qualidade de vida dos envolvidos.

Gráfico 9: Percepções sobre a melhoria na qualidade de vida – avaliação por notas



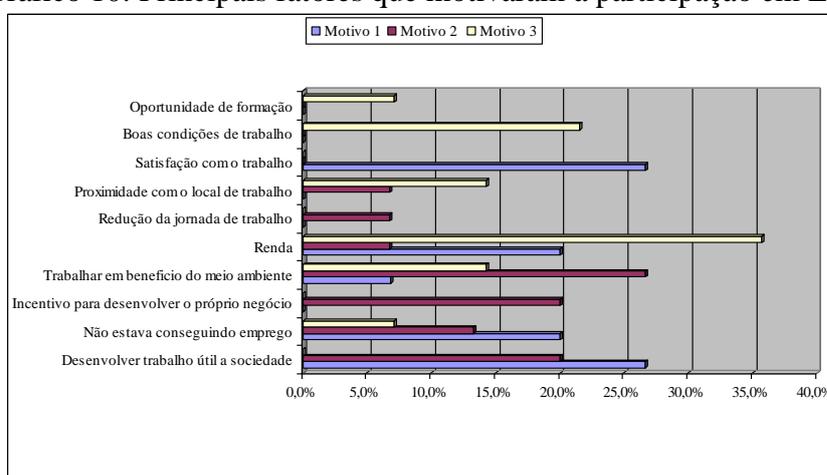
Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados da pesquisa de campo.

Nota: A banda de notas estabelecidas considerou 1 para péssimas condições ou inexistente, escalonada até a nota 5 para excelentes condições.

A pesquisa abordou, ainda, os principais motivos que impulsionaram os indivíduos a unirem-se aos grupos dos EES. Os mesmos citaram os três principais fatores de motivação,

em ordem de relevância. Os dados estão representados no Gráfico 10. Os motivos que apresentaram maior relevância para os entrevistados, quando da decisão de participarem de um grupo de EES, foram a insatisfação com as condições de trabalho anterior e a possibilidade de desenvolver um trabalho útil à sociedade, ambos com 26,6% das opiniões. O desejo de trabalhar em benefício do meio ambiente foi a resposta mais pontual quanto ao segundo motivo mais relevante, também com 26,6% das respostas. A renda, apesar de ser fator determinante na melhoria da qualidade de vida, aparece, na maioria dos casos, como o terceiro motivo mais relevante na decisão de integrar um grupo de EES, sendo citada em 35,7% das respostas.

Gráfico 10: Principais fatores que motivaram a participação em EES



Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados da pesquisa de campo.

Finalmente, fez-se necessário avaliar o nível de satisfação do grupo em relação às expectativas acerca dos EES. Os resultados revelam que 13% declararam que as expectativas não foram atingidas (50% dos indivíduos relataram descontentamento e frustração quanto aos EES e ao trabalho em grupo e a outra metade alegou que as expectativas iniciais ainda não foram atingidas, mas a confiança no poder transformador do trabalho associativo permanece inalterado), 47% indicaram que foram atingidas e 40% que foram superadas.

A partir da análise dos dados é coerente afirmar que os EES incubados pelo Tecnosociais contribuem de forma positiva na reinserção social, proporcionando melhorias na qualidade de vida dos envolvidos, distribuindo renda e reduzindo as desigualdades sociais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os EES, em sua maioria, surgem da iniciativa popular de associação e de cooperação para o trabalho e para a geração de renda e são, frequentemente, carentes de recursos e de conhecimentos técnico-administrativos. Daí a importância das incubadoras tecnológicas que

apóiam estes empreendimentos, estimulando a busca por novos métodos e tecnologias, oportunizando a capacitação dos trabalhadores e fortalecendo novas redes de cooperação. O Programa Tecnosociais é um exemplo bem sucedido desta proposta, prestando suporte a sete empreendimentos na região do Vale do Rio dos Sinos e promovendo os valores institucionais da UNISINOS, de comprometimento com o desenvolvimento regional, fundamentado em princípios éticos e humanísticos e no respeito à natureza.

O estudo de caso proposto neste artigo avaliou três dos cinco empreendimentos do setor de coleta e reciclagem de resíduos sólidos incubados pelo Tecnosociais, retratando o perfil dos integrantes destes EES. Os grupos são compostos, principalmente, por mulheres, jovens e adultos jovens, com baixa escolaridade, que se encontravam desempregados ou subempregados e com renda familiar abaixo de um salário mínimo. Este perfil é condizente com o exposto em outras pesquisas de abordagem mais ampla, ou seja, realizadas em âmbitos estaduais e nacionais, com exceção do sexo predominante. Confirmam-se, portanto, os atributos que contribuem fortemente para a exclusão desses indivíduos do mercado de trabalho.

As desigualdades sociais, a dificuldade de inserção no mercado formal de trabalho e as condições de subsistência destes indivíduos resultam na formação de um grupo cada vez mais afastado da sociedade em que vivem. O resultado disto é a marginalização, acarretando, posteriormente, na completa exclusão social deste grupo. Os EES apresentam-se como uma alternativa para a geração de emprego e de renda e mostram-se eficazes como instrumento de reinclusão social, visto que todos os entrevistados afirmaram considerarem-se socialmente incluídos após a integração ao empreendimento, enquanto este índice era de 60% antes desta integração.

Dentre os fatores analisados como indicadores de qualidade de vida, o que apresentou melhora pouco expressiva foi o quesito saúde. Apesar de gozarem de perfeitas condições de saúde, o grupo alegou que o acesso a profissionais especializados e a tratamentos médicos continua sendo, exclusivamente, através do sistema público de saúde, que conforme declarações dos entrevistados, apresenta condições precárias de atendimento às necessidades da população.

A participação nos EES resultou no aumento da renda *per capita* familiar, provocando melhorias significativas em todos os demais quesitos, principalmente na alimentação e acesso a transportes e meios de informação, que eram bastante limitados em função da restrição orçamentária da família.

O fato de integrarem um grupo associativo de trabalho proporciona conquistas que, individualmente, seriam mais dispendiosas. Um caso específico da ATUROI é o acesso às cestas de alimentação distribuídas pelo Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) via Movimento dos Trabalhadores Desempregados (MTD/RS).

Outro fato que trouxe melhorias aos trabalhadores foi a aquisição de casas populares através de programas governamentais e benfeitorias nas redes de abastecimento de água, esgoto e energia elétrica. Tal aquisição não tem relação direta com o aumento da renda proporcionado pelos EES, mas todos os beneficiados atribuíram esta conquista às relações/contatos com entidades e representantes do poder público, seladas a partir do seu envolvimento com os EES.

Os fatores vestuário, calçados, material escolar e bens de consumo duráveis passaram de médias condições para um patamar muito próximo de excelentes condições. O aumento de renda auferido após os EES, isoladamente, ainda não seria suficiente para tamanha modificação. Portanto, justifica-se, de acordo com relatos dos entrevistados, pela quantidade de bens dessas categorias que chegam até eles através do material coletado ou por doações diretas. Segundo os associados, todos os dias são separadas grandes quantidades de roupas, de cadernos, de calçados e de eletrodomésticos em boas condições de uso dos resíduos descartados como lixo pela população com melhores condições financeiras. Estes voltam a ser reutilizados pelos associados, seus filhos e seus familiares, e algumas vezes são doados para outras pessoas da comunidade.

No geral, os entrevistados afirmaram que estão satisfeitos com o desempenho dos EES e que suas expectativas foram atingidas ou até mesmo superadas. Por fim, 93% dos associados perceberam melhorias em sua qualidade de vida após a integração aos EES. Destaca-se que esta categoria de EES, em especial, tem um papel muito importante para a preservação da natureza e garante uma das características fundamentais da economia solidária: promover o crescimento econômico com proteção dos ecossistemas.

Portanto, os EES incubados pelo Tecnosociais têm servido como uma ferramenta eficiente na redução das desigualdades e da exclusão social, integrando melhorias nos aspectos econômicos, sociais, culturais, tecnológicos e ambientais. Assim, a economia solidária tem conseguido prosperar, atendendo às reais necessidades da sociedade, evitando o esbanjamento de recursos naturais, acomodando as diferenças culturais e permitindo que lucro e redução das desigualdades possam entrar em sinergia.

Os empreendimentos solidários, portanto, podem ser considerados um instrumento no combate às desigualdades sociais, proporcionando uma melhoria na qualidade de vida dos trabalhadores em relação à situação anterior. Para pesquisas futuras, sugere-se a análise do papel do Estado frente à economia solidária e a adequação de políticas públicas para fomentar este setor; e a aplicação dos conceitos de sustentabilidade ambiental nas cadeias de produção, como alternativa ao dilema do crescimento econômico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSEMBURG, Hans; GAIGER, Luiz I. G. **A economia solidária e a redução das desigualdades**. São Leopoldo: UNISINOS, 2008. 21 p. Disponível em: <<http://www.ecosol.org.br/txt.htm>>. Acesso em: 09 nov. 2010.
- CONTE-SPONVILLE, André. **O capitalismo é moral?** Sobre algumas coisas ridículas e as tiranias do nosso tempo. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 223p. (Coleção mesmo que o céu não exista).
- CORREA, Andressa; GAIGER, Luiz I.; SPEROTTO, Neila. **A ativação econômica dos pobres como via de combate às desigualdades**. São Leopoldo: UNISINOS, 2008. 30 p. Disponível em: <<http://www.ecosol.org.br/txt/GAIGER%20ANPOCS%202008.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2010.
- ECO, Umberto. **Como se faz uma tese em ciências humanas**. 13 ed. Lisboa, Portugal: Editorial Presença, 2007.
- GALLO, Ana Rita. **Empreendimentos economicos solidarios**: alternativas organizacionais de (re)inserção social e economica. São Paulo: UFSCar, 2003. 270 p. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/>>. Acesso em: 20 nov. 2010.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. IPEA. **Objetivos de Desenvolvimento do Milênio**. 4 Relatório Nacional de Acompanhamento dos ODM. Brasília: IPEA, 2010. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/pdf/4RelatorioNacionaldeAcompanhamentodosODM.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2011.
- INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. IHU. **Tecnologias Sociais**. Disponível em <[http://www.unisinos.br/projetos\\_sociais/empreendimentos\\_solidarios](http://www.unisinos.br/projetos_sociais/empreendimentos_solidarios)>. Acesso em: 20 jul. 2011.
- KIRSCH, Rosana. **Incubacao de empreendimentos da economia solidária e as implicações das relações de reciprocidade**. Brasília: UnB, 2007. 148p. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/>>. Acesso em: 20 nov. 2010.
- LECHAT, N. M. P. As raízes históricas da economia solidária e seu aparecimento no Brasil. In: SEMINÁRIO DE INCUBADORAS TECNOLÓGICAS DE COOPERATIVAS POPULARES, 2. **Anais...** Unicamp, 2002. Disponível em: <<http://www.unicamp.br>>. Acesso em: 20 out. 2010.
- MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. MTE. **Economia Solidária**. Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária (SIES). Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/ecosolidaria/sistema-nacional-de-informacoes-em-economia-solidaria/>>. Acesso em: 10 maio 2011.
- MOSER, Liliane. **Geração de trabalho, renda e inclusão social**: vivências de trabalhadores/as em empreendimentos econômicos solidários. São Paulo: PUCSP, 2006. 243 p. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/>>. Acesso em: 20 nov. 2010.

- NAKANO, M. Antegag: a autogestão como marca. In: SINGER, P.; SOUZA, A. R. (orgs.). **A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. São Paulo: Contexto, 2000.
- NUNES, Débora. A construção de uma experiência de uma economia solidária num bairro periférico de Salvador. **Bahia Análise de Dados**, Salvador, v. 12, n.1, 2002.
- SANTOS, Adriano Pereira. A atualidade de Marx. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v.11, n.20, p.203-205, 2006. Disponível em: <[http://www.fclar.unesp.br/soc/revista/artigos\\_pdf\\_res/20/R2santos.pdf](http://www.fclar.unesp.br/soc/revista/artigos_pdf_res/20/R2santos.pdf)>. Acesso em: 30 ago. 2010.
- SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 464 p.
- SEVERO, Célia Maria Teixeira; TEIXEIRA, Vanessa Espindula. **Perfil dos trabalhadores/as dos grupos incubados pelo Programa Tecnologias Sociais para Empreendimentos Solidários – Tecnosocias/Unisinos (2009/2010)**. São Leopoldo: UNISINOS, 2010.
- SINGER, Paul. **Introdução à economia solidária**. 1. ed. São Paulo: Perseu Abramo, 2002. 127 p.
- UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS. UNISINOS. **Institucional**. Valores Institucionais. Disponível em: <<http://www.unisinos.br/institucional/a-unisinos/valores-institucionais>>. Acesso em: 02 set. 2011.
- WEIPPERT, Rosângela. **Economia solidária: Um estudo sobre empreendimentos econômicos solidários (EES) apoiados pelo projeto Tecnologias Sociais para Empreendimentos Solidários da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)**. São Leopoldo. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2008. 84 p.
- YUNUS, Muhammad. **Um mundo sem pobreza: a empresa social e o futuro do capitalismo**. 1ed. São Paulo: Ática, 2009, 263 p.